

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**GILVAN FELIX NASCIMENTO  
ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA DA OBRA:  
ETNIAS SERGIPANAS**

**SÃO CRISTÓVÃO  
2015**

**GILVAN FÉLIX NASCIMENTO**

**ANÁLISE HISTORIOGRAFICA DA OBRA:  
ETNIAS SERGIPANAS**

Monografia apresentada à disciplina  
Prática de pesquisa como requisito  
da conclusão do curso de História da  
Universidade Federal de Sergipe,  
São Cristóvão, Fevereiro, 2015

**ORIENTADOR:** Prof. Dr. Petrônio Domingues.

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, José Aires Félix e Maria Santiago Nascimento que foram meus primeiros apoiadores e incentivadores. E a memória de minha Bisavó, Senhorinha Maria da Conceição que como outros contemporâneos nasceram escravos e foram discriminados.

## AGRADECIMENTO

Quando eu decidi enfrentar uma nova realidade em minha vida e resolvi fazer o curso de graduação em História da Universidade Federal de Sergipe sabia as barreiras que teria que ultrapassar. Entre elas, o fato de estar a alguns longos anos fora de sala de aula trouxe ainda mais dificuldade. Por isso, estava ciente do quanto eu iria precisar da ajuda de outras pessoas, com isso eu não posso deixar de citar os nomes de três professores da rede estadual que tanto me incentivaram: Adailton de física, Waldeck de Geografia e Rosimeire Bomfim de História. Ao longo desse percurso alguns colegas de sala de aula foram importantes nesta caminhada: Daniela Patrício, Adriana Barbosa e o Amigo e irmão Jorgivaldo Cunha. A amiga Cássia Regina também contribuiu ao longo deste caminho. A família também foi muito importante ao longo do curso e na sua conclusão, na monografia, Minha Mãe sempre me incentivando, Aparecida, esposa, Joice e Samara, filhas e Maria da Conceição Félix, irmã, elas poderão até acharem que fez pouco, mas foram muito importantes e fizeram o certo no momento exato. Contudo, tem uma personagem que eu deixei para agradecer no final do texto, pois eu sei que sem ela eu jamais teria alcançado os objetivos: minha irmã e filha, Silvania Félix Nascimento, ela foi tudo para mim, bem antes de eu pensar em voltar a estudar ela já vinha me cutucando com esse assunto, a solução é voltar a estudar e dedicou parte do seu tempo para me ajudar, ao longo e no final do curso, ela foi: conselheira, amiga, irmã, filha, professora e Editora. Reclamar de que, se eu tive o privilégio de ter uma pessoa com múltiplas funções ao meu lado, Deus me deu a sorte o resto seria comigo. Além, claro, do meu orientador, o Dr. Professor Petrônio Domingues pela sua paciência e sabedoria.

## Sumário

Introdução .....	5
Biografia do autor.....	8
Capítulo 1 Sergipe Origem da Sociedade Período Colonial.....	12
1.1 O início da Formação da Sociedade.....	12
1.2 A mão de Obra Escrava.....	15
Capítulo 2 Musica e matrimônio e Sincretismo religioso.....	17
2.1 O negro como moeda de troca.....	17
2.2 A música e Xangô como Símbolo de Liberdade.....	20
2.3 O litoral como Área de ocupação .....	25
3 Tese Central da obra.....	28
4 Referências teóricas e metodológicas.....	29
5 Contexto Histórico e Repercussão da obra.....	34
6 Fontes e Debate Historiograficos.....	35
7 Considerações Finais.....	36
8 Referencias Bibliograficas.....	42

## RESUMO

O presente trabalho tem como proposta analisar a obra *Etnias Sergipanas* do autor e intelectual sergipano Felte Bezerra, publicada no meado do século XX exatamente em 1950, em um momento conturbado seja na economia ou na estabilidade social em um momento pós-segunda Guerra Mundial, essa obra foi editada pelo Instituto Histórico Geográfico de Sergipe e prefaciada pelo também pelo autor e intelectual Emilio Willems. Seguindo arrisca a proposta inicial temos a oportunidade de enxergar através do olhar do autor como se deu a formação e a origem da sociedade sergipana e para compor a sociedade de Sergipe houve- se o entrelaçamento das três etnias e diferentes culturas: O Índio que já habitavam essas terras: O Europeu principalmente o português e o Negro da África, com isso deu para ver como o intelectual sergipano Bezerra enxergava a mistura de raças e de culturas, além dos intelectuais da época, com raríssima exceções poucos não acompanharam as ideias que influenciaram Bezerra, também podemos ver ações preconceituosas da elite capitalista dominadora que sempre foi minoria no “seio” da sociedade sergipana e Brasileira. Outro ponto importante da obra é o relato do autor afirmando que já no início do Século XX os negros começam a se libertar do tão obrigatório serviços domésticos nas cozinhas das elites sergipana, e isso se deu através da educação que mesmo em pequena escala os negros foram capazes de trilharem em novos caminhos, no comercio e nas industrias texto do estado e não tão somente as cozinhas das mansões da capital de Sergipe, Aracaju.

This paper aims to analyze the ethnic groups Sergipe work of the author and intellectual Sergipe felte Bezerra, published in the mid-twentieth century exactly in 1950 , in a troubled time is on the economy or social stability in a post- World War II time , this work was published by the Institute Geographic History of Sergipe and prefaced by also by the author and intellectual Emilio Willems. Seguindo risks original proposal have the opportunity to see through the author's look how was the training and the origin of society and Sergipe compose the society of Sergipe houve- the intertwining of the three ethnic groups and different cultures : the Indian who inhabited these lands : the European mainly the Portuguese and the Black Africa , with it gave to see how the Sergipe intellectual Bezerra saw the mixture of races and cultures, and the intellectuals of the time , with few exceptions rarest did not follow the ideas that influenced Bezerra, we can also see prejudiced actions of the dominant capitalist elite that has always been a minority in the " womb" of Sergipe society and brasileira..Outro important point of work is the story of the author stating that already in the early twentieth century blacks begin to release the as mandatory domestic service in the kitchens of Sergipe elites , and it was through education that even blacks on a small scale were able to tread in new ways, in trade and in state industries and not as text only the kitchens of the mansions of the capital of Sergipe, Aracaju.





## INTRODUÇÃO

Esse é o meu Brasil, com dimensões de continente. E de igual tamanho, a desigualdade social, alguns o chamam de Pátria Mãe Gentil, mas será? Uma boa mãe não protege todos os seus filhos? Não os filhos negros e pobres que sofrem discriminações raciais e sociais, mesmo sendo a maioria da população do país. No final do século XIX e início do século XX, baseados na teoria de Maudsley e Lombroso, a ciência tentou justificar crimes baseado na aparência física do “criminoso” e se fossem negros, já teriam motivos suficientes para condená-lo. Os intelectuais, também influenciados por essa teoria, escreveram em suas obras fatos preconceituosos ou tentaram mascarar tais ou negaram esses preconceitos, esses mesmo intelectuais que são representantes direto dessa sociedade, de uma elite dominadora e preconceituosa.

Analisar e conhecer o pensamento e como se comportava parte da sociedade sergipana e de seu intelecto na primeira metade do século XX através da obra *Etnias Sergipanas*, apenas com o intuito de aprofundar-se mais no aprendizado do comportamento da elite sergipana no momento histórico de sua publicação que ainda estava sob o calor da Segunda Guerra mundial, provavelmente os fatos e efeitos da guerra influenciaram toda a sociedade inclusive o autor. Como a obra é uma análise discursiva deve ter resíduo de diferentes pensamentos, reflexos de uma guerra na qual não houve vencedores apenas, perdedores.

O livro *Etnias Sergipanas* trata da formação do povo sergipano. Nele verifica-se o tratamento dado ao negro no Brasil, o qual foi e é discriminado de todas as formas possíveis. A mídia, a imprensa os veículos de comunicação são os maiores disseminadores de preconceitos, uns dos exemplos são os atores globais negros, que nas novelas interpretam os papéis de empregados domésticos, esses veículos agem em defesa de seus interesses político e sai disseminando preconceitos e faz crescer ainda mais o massacre das desigualdades sociais.

Nas terras que hoje denominamos de Brasil, em mais de 300 anos de escravidão foram trazidos negros traficados da África para esses pais com dimensões de continente. Cerca de 3,5 milhões de homens e mulheres trazidos à força para serem escravizados aqui, ou 40% de todos os escravos que vieram para América ficaram servindo nessas terras e entre as regiões do Brasil o nordeste brasileiro foi a região que mais recebeu escravos.

Segundo a última pesquisa no Brasil, os jovens negros têm 2,6 mais chances de sofrer morte violenta do que os jovens brancos, e no nordeste os números dessa pesquisa sobe para quase cinco vezes mais. Isso tudo é herança de mais de trezentos anos de escravidão e

como consequência temos toda essa desigualdade social. A elite sempre teve o controle do poder econômico do país e para ela é difícil admitir que haja qualquer resquício de igualdade social da população.

A análise historiográfica da obra *Etnias Sergipanas* nos conduzirá a ver os preconceitos raciais dos intelectuais pertencentes a elite da sociedade sergipana que beberam em fontes de intelectuais do Brasil e de outros países que seguiam os mesmos ideais, mascarar e esconder, teimosamente, a existência de preconceitos. Essa análise nos mostram fatos que para a elite dominadora é apenas detalhe, mas para a comunidade negra deste país que sempre foi e continuará sendo maioria, tornou-se irreversível. Para os negros brasileiros sobram apenas os subempregos, isso reflete nas novelas de televisão em que os negros, geralmente, interpretam os papéis de empregados domésticos. Por isso o intuito dessa análise é desmascarar essa elite, mostrar que os negros sempre foram discriminados, inferiorizados, a começar pelo samba que foi denominado como música de negros, apesar de hoje ter ganho proporções mundiais, na época, para à elite, essa música deveria ter sido banida. A expressão musical dos negros foi massacrada, o autor chegou a dizer que as letras das músicas precisavam de análises psicológicas por terem como mote: separações de casais, ida e vindas, amores, paixões impossíveis. Contudo, a música apenas retrata a realidade social de uma classe que foi colocado a margem da sociedade, a letra das músicas foram a maneira mais simples de desabafo de uma classe de excluídos.

A relevância deste trabalho é contribuir na luta pela igualdade racial, combatendo os preconceitos sem medo de enfrentar a realidade, com consciência dos tais fatos preconceituosos, com conhecimento podemos escolher de forma correta as “armas”, e com quem vão ser a batalha. Os negros não podem mais simplesmente aceitarem as discriminações e acharem que tudo isso é normal. Até quando essa parcela da sociedade viverá das sobras, dos subempregos? Sabe-se que todas essas anormalidades são frutos de uma herança maldita de mais de 300 anos de um regime escravista do Brasil colônia. Essa maldição tem que ser abolida urgentemente do leito da sociedade, os negros têm que lutarem pelos seus direitos e fazer expandir o lema, preconceito nunca mais.

O objetivo geral é entender quais os motivos que levaram alguns intelectuais do século XX a negarem os preconceitos raciais sofridos pelos negros. Preconceitos expostos tão claramente na época e também nos dias atuais que deixaram marcas negativas para a vida social das pessoas negras.

Os objetivos específicos são: Detectar as situações preconceituosas expostas na obra *Etnias Sergipanas*. Analisar as consequências dessas negações dos preconceitos raciais

sofridos pela raça negra e para as vidas sociais das mesmas. Identificar dentro da leitura da obra dentre tantos outros fatores os efeitos dos preconceitos raciais para a tamanha desigualdade sociais entre os negros e os brancos existentes até hoje.

Este trabalho está dividido em introdução, conclusão e mais dez pontos fundamentais para uma análise historiográfica como: Biografia, contexto histórico, repercussão da obra, ideia central da obra, síntese do conteúdo do livro, debate historiográfico, referências teóricas e metodológicas, fontes, narrativa e opinião pessoal sobre a obra.

Após seguirmos com a tese central de que trata o livro, virão as referências metodológicas, são os autores em quem Bezerra se inspirou para a produção da obra, através da pesquisa e da leitura de alguns deles, para isso colocamos em evidência os autores mais citados na obra.

Em uma vasta pesquisa na internet descobre-se o que acontecia em Sergipe no período do lançamento da obra: o contexto histórico, político, econômico e social, a seguir a repercussão da obra e depois as fontes pesquisadas pelo autor, tanto as oficiais como as não oficiais. Em seguida expõe-se o debate historiográfico no qual o intuito é descobrir quais autores influenciaram Bezerra para a produção da referida obra. Logo após segue-se a narrativa, sendo seguida pela conclusão, onde explicamos quais os resultados que obtidos com esse trabalho.

## BIOGRAFIA DO AUTOR.

### FELTE BEZERRA:

Nascido em Aracaju em 1908, formado em Odontologia na Bahia em 1933, Bezerra voltou para sua terra natal e ingressou no ensino secundário, tornando-se catedrático de Geografia do colégio Atheneu Sergipense. Participou do processo de criação da Faculdade de Filosofia, da qual se tornou membro do conselho técnico administrativo e professor catedrático interino de Geografia Humana até o ano de 1953. A partir de então, assume com maior intensidade os cargos do ensino das diversas disciplinas de Antropologia, embora continuasse como professor de Geografia do Colégio Estadual de Sergipe, nova designação do Atheneu.

Dentre todas as obras do autor, a que ganhou mais destaque foi o livro Etnias Sergipanas, que teve a metade dos 500 exemplares, no ato da publicação, distribuídos no

mundo acadêmico. Antes de se formar em Odontologia em Salvador, de ser aluno de <sup>1</sup>Artur Ramos, e ser, também, seguidor do Mestre Nina Rodrigues, atuou no comércio. Bezerra foi peça importante no ensino superior em Sergipe, na faculdade de Filosofia o mesmo ministrou aulas de Geografia humanas, Antropologia, Etnologia, e Etnografia do Brasil. Nas fronteiras entre Geografia e a Ciências Sociais ele produziu: *Da Terra* (1938); *tese para o concurso de professor do Atheneu Sergipense*; *Etnias Sergipanas* (1950); *Investigações Histórico-Geográficas de Sergipe* (1952); *Antropólogo Sócio Cultural* (1973); *Problemas de Antropologia-do Estruturalismo de Lévi-Strauss* (1976); *Problemas e Perspectivas em Antropologia* (1980); *Aspectos Antropológicos do Simbolismo* (1983); *Analises Antropológica e Estudo Teórico* (1986); *África Subsaariana* (1988).

Dentre todas as disciplinas ministradas por Bezerra, a Antropologia foi a grande paixão do professor e autor Bezerra, mas a porta de entrada para a Antropologia foi a geografia física que logo dá lugar a geografia humana. Outra porta foi o folclore, por este ser um tema já em andamento no país. Quando se iniciou o ensino de Ciências Sociais no ensino superior do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, havia uma aproximação e comunicação entre os folcloristas, antropólogos e sociólogos, que com o passar dos anos foram se distanciando, isso quando se delinearão as fronteiras entre os campos do saber.

Bezerra para entrar no campo antropológico, sofreu muita influência de vários autores, principalmente do norte americano Ralph Linton, entretanto antes disso ele mantinha um bom relacionamento com intelectuais como: Emílio Willems; Donald Pierson; Oracy Nogueira; Roger Bastide; Antônio Rubbo Muller. Porém, segundo Beatriz Gois Dantas, dois autores influenciaram ainda mais Bezerra para entrar no campo antropológico, um foi o Norte americano Ralph Linton e o outro foi o brasileiro Gilberto Freyre com a sua produção de grande repercussão no mundo, o livro *Casa-Grande e Senzala*.

Além de autor de várias obras e amante de música erudita, exercia outros cargos tais como: professor; presidente do IHGS por vários anos; também mantinha ocupação nos negócios da família, o Banco Resende Leite, entidade financeira da sua esposa. Por tudo isso, o tempo foi sempre um grande problema em sua vida.

A relação de Bezerra com os professores estrangeiros, responsáveis pelo desenvolvimento das<sup>2</sup> Ciências Sociais no Brasil, Donald Pierson, Roger Bastide e Emílio

---

<sup>1</sup> Resenha de TELES, Lopes Eduardo, Prata da Casa- Revista Ponta de Lança, São Cristóvão, v,4, n.7, Out.2010-Abr.2011 p. 101.

<sup>2</sup>Ver DANTAS, Beatriz Gois- Felte Bezerra e a Fase Heroica da Antropologia em Sergipe: 1950-59 Revista do Instituto Histórico e geográfico de Sergipe, Aracaju, 2009. Idem, p.246.

Willens rederam muitos frutos e com esse último muito mais, pois foi o grande responsável e incentivador de Bezerra para a publicação do livro *Etnias Sergipanas*. Por essa afinidade com a educação, o intelectual foi nomeado primeiro Secretário Geral da Subcomissão Sergipana do Folclore, criada em 1948. A participação nos eventos organizados pela rede o pôe em contato com vários professores de Antropologia, de Geografia, de História e de Sociologia.

As trocas de ideias, experiências de vida, o intercambio foram sempre valorizados por Bezerra. Como vivia em Aracaju, o autor buscava contatos com profissionais de outros centros culturais quando as ciências sociais estavam na fase inicial de institucionalização. Em 1948, através de correspondência mantida há vários anos, o brasileiro expõe a Emilio Willens a ideia, ou o plano, de escrever o livro *Etnias Sergipanas*, em troca disso recebe muitos incentivos. Em 1951, ajudou a criar e foi diretor da Sociedade de Cultura Artística de Sergipe (SCAS) e como dirigente de (SCAS) difundiu entre os sergipanos o gosto pela arte, em particular pela música erudita, a paixão pela antropologia veio depois da leitura do livro “O Homem: uma introdução a antropologia, de Ralph Linton, Bezerra mantinha-se atualizado, graças a sua rica biblioteca, esta elogiada até por Câmara Cascudo quando em visita a Aracaju disse que a sua biblioteca era “variada, polimática e poliglota”. (DANTAS) .2009

O autor também se interessa pela cultura afro-brasileira e junta-se com estudantes de Etnologia e Etnografia do Brasil, e passam a pesquisar centros de culto afro-brasileiro na cidade de Laranjeiras, em companhia de Bezerra seguiam dois médicos psiquiatras, um deles, Garcia Moreno, que também era professor de Antropologia, na época, interessaram-se pela possessão, ou “estado de santo”.(DANTAS), 2009

No final da década de 1950, os outros vários compromissos o distanciam da área acadêmica, em 1958, tornou-se Diretor do Departamento Econômico da Federação das Indústrias do Estado de Sergipe (FIES) e, em 1959, amplia-se sua responsabilidade no Banco Resende Leite, envolvendo-se em tantas responsabilidades fora do mundo acadêmico, o tempo é seu maior rival, e não lhe sobrava espaço para a pesquisa de campo. (DANTAS), 2009

Para tentar resolver um dos maiores problemas para completar sua pesquisa, a falta de o tempo, por ele ser um homem de múltiplas atividades, o Governador em exercício Arnaldo Garcez assinou um decreto colocando-o à disposição da Faculdade de Filosofia de Sergipe,

(FCFS), mas logo após esse decreto foi revogado pelo novo governador oposicionista Leandro Maciel em 1955.

Bezerra exerceu o magistério em Aracaju até 1959, em 1960, com a perspectiva de sucesso no mundo dos negócios, vai morar no Rio de Janeiro, nessa mesma década, exerce várias atividades longe do mundo acadêmico, nos anos 70 e 80, retoma o interesse pela Antropologia e publica seis livros sobre temas antropológicos, Bezerra morre no Rio de Janeiro em 1990.

## **SINTESE DO CONTEUDO DA OBRA ETNIAS SERGIPANAS**

### **Capítulo 1**

#### **Sergipe, a origem da sociedade Período Colonial.**

A mistura das raças, do negro, do branco e até do índio, só veio para agregar os valores. A prática de uma nova cultura, novos hábitos e costumes, fortaleceram ainda mais o homem brasileiro. Esse mulato, ou pardo, seja lá a denominação que seja dada, enriqueceram os seus costumes, GILBERTO FREIRE, na obra “*Casa-Grande e Senzala*” celebra a miscigenação como uma vitória para a sociedade brasileira, o negro tanto quanto o branco são vistos com igualdade, esse cruzamento é visto com naturalidade. Já para Bezerra, na obra que estamos analisando, “*Etnias Sergipanas*” a miscigenação é vista como um problema. O autor cita dois motivos responsáveis pela miscigenação desenfreada: a invasão flamenga que resultou na união de todos para a expulsão destes invasores e a desinteligência entre o povo e autoridades, que deram o título a Sergipe, de terra sem lei, anárquica, indisciplinada, que segundo o mesmo, fez perder o total preconceito das etnias aqui citada. Desta maneira,

Dois motivos concorreram poderosamente para franquear, nos tempos coloniais, um mais forte cruzamento do branco com o negro, na capitania de Sergipe Del Rei. Um deles foi a invasão flamenga, que aproximou e reuniu, para um fim comum, o da expulsão do invasor, os elementos étnicos. O gentio inclusive circunstância que contribuiu incisivamente para um maior esquecimento das diferenças raciais, e desta maneira estabeleceu a proliferação de uma população faioderma. A segunda razão foi o demorado estado de desinteligência do povo e as autoridades, os grupos facciosos que se formaram e que encheram a vida política de Sergipe nos períodos coloniais, dando-lhe a má fama de terra anárquica e perigosa, pelo banditismo reinante. Essa eterna perturbação da ordem implantou o espírito de indisciplina que, ponto de vista que agora encaramos, resultou na perda completa de preconceitos, quanto a miscigenação, que de então em diante passou a ser processada sem cerimônia.. (BEZERRA, 1983, P. 107).

Na obra, o autor vem confirmar como se deu a formação étnica da população de Sergipe, a miscigenação entre as etnias nativas, as negras vindas da África e a do colonizador

Europeu, o português, holandês, francês e alguns do norte da Europa. É neste contexto que passa todo o relato do livro, onde o autor tenta justificar e entender a miscigenação das etnias em destaques, o choque cultural das civilizações em cursos, prevaleceu sem sombra de dúvida a civilização portuguesa, sobre a negra importada da África e a nativa, até pelo uso da língua, houve nessas tão diferentes culturas a endoculturação<sup>3</sup>, ambas tiveram que se adaptar-se, adequar-se aos costumes das diversas etnias. Mas apesar de todas as vantagens que tiveram os colonizadores, como a preservação da língua de origem e da religião, as etnias afro-índias mostraram também a sua importância, influenciaram no modo de falar, na alimentação, na religião e até na música. Sendo assim,

Mas, nesta profunda mistura, a civilização lusitana deixou-se penetrar, profusamente, pelas influencias culturais afro-índias absorveu-as sofregamente, para assumir expressões próprias, uma realmente brasileira. (BEZERRA, 1983, p. 17).

É neste profundo estudo sobre a formação da população de Sergipe, das etnias sergipanas, nacional, e em Sergipe não é diferente, encontramos posições sobre o quadro étnicos com verdadeiras oposições tendenciosas, deixando valer o ponto de vista individual do analista, partindo deste princípio não acreditamos da não existência dos preconceitos raciais, entretanto o autor defende essa ideia. Não sei que palavras eu poderia usar, “inocência” não acredito que seria a palavra correta quando se refere a um intelectual, “maldade” também não sei, talvez “tendenciosa”, talvez pelo preconceito racial na época ser tão natural para os olhos da população branca e da elite, um absurdo que se tornou banal. A publicação da obra deu-se em meados do século XX, o mundo tinha conhecido uma das maiores carnificinas da era cristã, com certeza foi a maior, mais de 6 milhões de Judeus foram abatidos por puro preconceito, a segunda guerra mundial tinha chegado ao final e com ela o saldo de milhões de pessoas exterminadas por prepotência de alguns que achava-se melhor que outros. Hitler estava derrotado, mas suas ideias não, o arianismo continua vivo em seus seguidores, que não são poucos. O preconceito racial estava e ainda está fixado dentro das pessoas, mas o autor diz não acreditar. Neste sentido,

Já se podem considerar coisa do passado os preconceitos raciais e o horror do mestiçamento, pela ameaça que ele pudesse oferecer, de degenerescência

---

<sup>3</sup> **Endoculturação** é o processo permanente de aprendizagem de uma cultura que se inicia com assimilação de valores e experiências a partir do nascimento de um indivíduo e que se completa com a morte. Este processo de aprendizagem é permanente, desde a infância até à idade adulta de um indivíduo. A medida que o indivíduo nasce, cresce, e desenvolve, ele aprende envolvendo-se cada vez mais a agir da forma que lhe foi ensinado.

dos tipos resultantes. A história está cheia de contatos de povos dos mais diferentes stocks raciais, em virtude de lutas, invasões, ou pacificamente, onde troca de sangue e de cultura foram esmaecendo, cada vez mais a possibilidade da existência de grupos humanos etnicamente puros. (BEZERRA, 1983, p. 21).

O modo de tratar as etnias é diferente, a indígena e a negra são tratadas como inferiores. O colonizador, homem branco do velho continente, é considerado civilizado, enquanto os africanos e os nativos são para ele “bárbaros”, com toda essa celebração aos colonizadores e contrária a cultura das outras etnias, demonstra também o preconceito. O autor trata esse pequeno estoque de branco “alourado” como é denominado por ele, com um certo cuidado especial, mas esquece que a miscigenação foi muito forte e se de um lado permaneceu a cultura do europeu, do lado de cá, com certeza, permanece a maioria com a cor da pele do mulato, do mameluco e do negro. Isso mostra que há um equívoco por parte do autor. Em cima disso,

A tarefa de nossos conquistadores pertence, legitimamente, ao povo lusitano. Portador unido de civilização, foi o português que, ao sugar porções de cultura gentia e, mais ainda, africana, numa adaptação digna de nota, ora “se indianizava”, ora “se africanizava”, para dar ao Brasil, seu mal cuidar, uma formação própria, uma vez que seria evidentemente, lenta europeização de amarelos e negros; do elemento bugre, indomável, resistente em suas incipientes culturas, como do elemento alienígena, para cá trazido à força, por submissão, mas que apesar disso revelou superioridade cultural sobre os naturais, na organização agrícola, na escavação dos minerais e especialmente em muitos aspectos espirituais. (BEZERRA, 1983, p. 18).

O autor também faz um breve panorama sobre as primeiras tentativas de colonizações e a já definitiva em 1590, a chamada guerra “Santa” comandada por Cristóvão de Barros. Mas a tese central do livro trata de comprovar a origem ou as origens étnicas da população sergipana.

4

No breve capítulo o homem europeu em Sergipe, o antropólogo faz um esforço até fora do normal para justificar o estoque “alourado” dos povos de algumas regiões, principalmente a região platina de Sergipe, mas a maneira como o mesmo se refere a esse “estoque”, deixa claro que o motivo dessa fixação não é apenas provar que esses são descendentes de holandeses, e sim por serem louros, ruivos, olhos verdes, azuis, como definição de beleza europeia. Ele até fala dos morenos que são um tipo comum em Portugal,

---

<sup>4</sup> Bezerra, Felte, Etnias Sergipanas, Aracaju, J. Andrade, 1984, p. 18, 21, 72, 73, 96.



mas para ele, os louros, sim, chamam atenção. Assim, o autor e o pesquisador Fernando Porto querem justificar que os louros vieram de Portugal e para isso citam outros intelectuais que tratam do mesmo assunto, mas com diferentes opiniões. Vendo por esse lado,

Diz-se então por aqui que o indivíduo vive “pelando”. Como ele, não é difícil encontraram outros, em toda a zona ribeirinha, de traços finos, sóbrios, nariz afilados, lábio delgado, rosto estreito; tipos baixos, que lembra certos franceses ou escoceses. (BEZERRA, 1983, p.72-73).

No entanto o que chama atenção é essa obsessão do autor em querer provar ou justificar o “estoque alourado” no interior do estado nas zonas oeste e no baixo São Francisco com tendência declarada na valorização da cor, com isso deixa claro a importância desse estoque “alourado” para o autor, contudo também deixa um sentimento de desvalorização do outro, e transparece que devemos separar os seres humanos pela cor da pele. Para reforçar tudo isso, o autor cita o projeto de 1836, em que o presidente da província de Sergipe projetava a vinda de europeus para a província, onde poderia, segundo o mesmo, prestar grande relevância cultural, como se a cultura do ocidente fosse mais importante. O mesmo lamenta o fracasso do projeto, sustentando as afirmativas da época que celebram a cultura do ocidente como superior. Desta maneira,

Dr. Fernando de Barros trazia à convicção de que, a entrada de elementos europeus, na qualidade de colonos, prestar-nos-ia o duplo serviço econômico e cultural. Infelizmente, não pôde levar a efeito essa como várias outras intenções exposta em sua plataforma de governo. (BEZERRA, 1983, p. 96).

O autor confirma as origens dos africanos que chegaram as terras de Sergipe, também, através de outros pesquisadores, mas o mesmo confirmou que os negros vindos da África que habitaram essas terras e contribuíram com a miscigenação foram de origens bantos e malês. Em suas pesquisas o autor confirma, e expressa quais os motivos de tantas dúvidas a respeito das origens dos negros africanos. Neste sentido,

O segundo motivo é que, mesmo nos séculos quinhentista e seiscentista, muitos de Angola eram, genericamente, tomados como da Guiné, pela elasticidade emprestada a esta última região geográfica, que abrangia todo litoral, desde do Senegal até a Angola. (BEZERRA, 1983, p. 106).

Após confirmar as origens dos negros africanos, o autor passa a se preocupar em mostrar a ascensão social dos negros e mulatos na sociedade, mas o mesmo não tem nenhuma preocupação em fazer uso de termos pejorativos quando se reporta aos negros e mulatos na sociedade sergipana, mesmo fazendo uso da fala de outro autor, FELISBELO FREIRE,

termos como; impregnados, infestados, quando cita a grande quantidade de negros em Sergipe. Confirmando isso,

(...) à decantada insubmissão do aborígine, não ficava sem castigo...Os sertões da Capitania de Sergipe, até a longitude desses municípios, chegaram a viver infestados de pretos que “atacavam a propriedade e a vida”, segundo comenta FILISBELO FREIRE. Tal agressividade, que é um formal desmentido ao generalizado e errôneo do “bom” escravo, em contraste. (BEZERRA, 1983, p. 107).

Desta feita também descaracteriza a ideia do “bom” escravo, passivo, que aceitava tudo sem reclamar ao citar inúmeras revoltas. Segundo os pesquisadores, os escravos em Sergipe tinham um melhor tratamento do que os escravos da Bahia. Assim, conforme os intelectuais da época, os escravos nas terras sergipanas tinham um melhor rendimento por terem uma alimentação melhor, por vestirem melhores roupas e residirem em senzalas mais adequadas. Mas isso não quer dizer que esses escravos aceitavam tudo de forma passiva de acordo com Bezerra. Os autores por ele pesquisados afirmam que principalmente os “senhores” dos engenhos do vale Cotinguiba eram mais humanos, pois tratavam seus escravos com “respeito”. A incoerência está na afirmação da existência de respeito ao tratar seres humanos como escravos. No entanto, segundo pesquisadores, os negros que viviam em Sergipe tinham um melhor rendimento, pelo tratamento dado aos mesmos pelos seus senhores. Diante disso,

(com vinte cativos fazem mais açúcar do que os do Recôncavo com cem escravos. São mais bem tratados; nutridos com alimentos saudáveis (feijão, vegetais, milho), enquanto no Recôncavo era a carne salgada do Rio Grande... senzalas cobertas de telhas, enquanto eram de palhas no Recôncavo.) (BEZERRA, 1983, p. 108).

O autor afirma que são inquestionáveis as atitudes humanitárias dos “senhores” de escravos em Sergipe, até pela comprovação dos rendimentos dos escravos do estado ser superior ao do estado vizinho, mas ter escravos, fazer trabalhar forçadamente por várias horas, castigar com vários objetos horripilantes, tais como: troncos e pelourinhos. Isso são ações humanitárias? Por isso os negros fugiam dos castigos para os quilombos. Desta forma está comprovado que o choro dos negros quando libertos, em consequência da Lei Aurea, foi por não ter onde ficar, por serem postos nas ruas como animais. Pessoas sequestradas na África, usadas e descartadas como coisa, isso talvez tenha sido o verdadeiro motivo dos choros, ações humanitárias são difíceis de acreditar, contudo Bezerra acreditava nessas ações. Em cima disso,

---

<sup>5</sup> Idem, p. 106, 107, 108

(A observação traduz, inquestionavelmente, certa atitude humanitária que aqui se teve para o africano. Inúmeros foram os casos, entre nós registrados, dos negros forros que, por ocasião da libertação, ficaram atarantados e imploraram aos senhores que lhe permitissem continuar em suas propriedades. Tais episódios se repetiram também nas residências familiares, quando essas já se haviam transferido da Casa Grande para o Sobrado da rua. Muitos choravam como crianças, em 1888, ao suporem que seriam compulsoriamente postos para fora de casa, com a liberdade que a lei áurea lhe oferecia.) (BEZERRA, 1983, p 108)

## Capítulo 2

### **“Ações Humanitárias” dos Senhores de Escravos.**

É inacreditável, mas o autor tem plena convicção dessas atitudes humanitárias. O choro dos negros quando foram colocados nas ruas sem eira nem beira, com a liberdade da lei áurea, não foi por sentirem falta da escravidão, foi por estarem abandonados à própria sorte. Não serviam mais, entretanto foram essas “mucamas” que cuidaram dos filhos dos “senhores”, quando estes ficavam doentes elas ficavam acordadas toda a noite. Cuidaram e vigiaram as sinhazinhas, como eram chamadas as mocinhas filhas dos de seus legítimos. É lamentável a credence nas “ações humanitárias” por não encontrarem os instrumentos dos castigos em locais abertos ao público, porém isso não quer dizer que não existiam os castigos no estado de Sergipe, é tanto que esses objetos foram encontrados nas paredes das velhas casas segundo o próprio autor. Diante disso,

(... Vale notar, todavia, que tais cenas não constituíam espetáculos em públicos, pois os instrumentos indicados e outros similares que por aqui temos conhecido se localizam sempre nos porões das casas grandes. Mas, indubitavelmente o que predominava era um ambiente de certa tolerância, ou pelo menos transigência, em comparação com outras zonas do Brasil e, outras paragens americanas.) (BEZERRA, 1983, p. 111).

É difícil enxergar ações humanitárias no regime de escravidão. Seres humanos tratados como mercadorias, sequestrados, pegos a força e enviado para qualquer lugar, vendidos como objetos, comercializados. Fato que segundo Bezerra dava-se por necessidade financeira dos “senhores”, mas na hora da venda os tais senhores se sensibilizavam pelo apego aos negros, todavia não desistiam de vende-los mesmo com toda essa afeição do Senhor pelos negros. O lado financeiro sempre falou mais alto na relação escravo e Senhor, portanto fica difícil enxergar tratamento humano e acolhedor. Desta forma,

(... Muitos senhores bons chegaram a vender seus escravos, por necessidade material e imperiosa, a fim de equilibrarem sua situação financeira. Faziam isso, no entanto, extremamente constrangidos, pela feição que tomavam a muitos escravos.) (BEZERRA, 1983, p. 112).

Além disso, o autor também enfatiza que, mesmo com elevação social de alguns negros, é comum ouvir frases preconceituosas por parte da elite dominadora, frases com: “negro burro”, negro rico é branco. Bezerra também cita outros autores e discorda do pensamento dos mesmos ao afirmarem que o negro irá desaparecer por questões biológicas. De acordo com o autor, o desaparecimento se dará, exclusivamente, por causas sociais em virtude do mestiçamento. São exemplos de expressões preconceituosas dizer que “negros que conseguem elevar-se socialmente deixa de ser negro”. Além do mais negro deve ser <sup>6</sup>caracterizado pela cor da pele, e não medido pelos bens que o mesmo conseguiu. Cita também uma questão de estética como os calçados e os criticam por comprarem tais produtos, calçado como status. Confirmando tal crença,

Ainda como prova o alto valor que possui o calçado entre as populações estudadas, é interessante notar que com facilidade essa gente, em geral pobre, adquire calçado de preço muito elevado. Aos domingos, os rapazes têm sempre um sapato moderno dos mais caros, de quatrocentos e quinhentos cruzeiros, o que realmente causa espécie. É o que nos informou um comerciante, proprietário de uma das boas e antigas casas de calçados em Aracaju: “Esse pessoal (referindo-se aos operários artificieis pretos e mestiços) é a melhor freguesia de calçados caros”. Vem um modelo novo e eles compram-no imediatamente. O depoimento confirma nossa asserção. (BEZERRA, 1983, p. 113).

Outra maneira de elevação social notória foi às reclamações dos “senhores” com a falta de mulheres para o trabalho doméstico, com o aparecimento dos trabalhos no comércio e pequenas lojas.

O que agente vê na leitura de alguns parágrafos da obra Etnias Sergipanas é a preocupação do autor, que faz um esforço grande para justificar e isentar os colonizadores Europeus iniciante da escravidão e os castigos praticados contra os negros, nesses trezentos anos de escravidão. Dos instrumentos de castigos usados, o pelourinho, os negros eram açoitados publicamente, essa era uma maneira de fazer e mostrar o poder aos outros negros escravos na América, o autor justifica que foi usado em vários países para a condenação de todas as raças e também na África, o intuito do autor, é querer justificar os atos dos colonizadores os castigos aplicados por eles contra só negros, segundo o autor o Tronco e o pelourinho não foi uma invenção dos colonizadores, que os instrumentos de castigos foram usados em toda idade média. Sendo assim,

---

<sup>6</sup> Bezerra, Felte, Etnias Sergipanas, Aracaju, Ed. J. Andrade, 1984, p. 111, 112, 113,124

Entre os povos tribais, sem qualquer influência exterior, a regra ainda é a mesma. Contudo o modo como alguns expõem a matéria, de referência ao problema do escravo africano trazido para a América, parece dar a entender que os maus tratos e perversidades praticadas contra os negros pelos colonizadores europeus que atuaram em nosso Continente constituíram coisa inédita, não só na forma como nas origens, que pudesse servir de prova incontestável do ódio racial do branco ao negro, em nome do que exclusivamente o primeiro agia sobre o segundo. (BEZERRA, 1983, p 124).

É incansável o autor na luta, para descaracterizar a responsabilidade da escravidão da América dos colonizadores. A palavra escravidão retrata outras situações, escravidão por dívida de guerra, mas a escravidão da América foi mais perversa, maldosa, trágica, os autores principais, os negros foram sequestrados e escravizados, colocados em navios como cargas humanas, tratados como animais irracionais, trazidos para outro continente, forçado a trabalharem até 18h por dia, dormiam amontoados nas senzalas, se alimentavam muito mau, a base de carne seca e farinha de mandioca, foram tratados como objetos. Esse foi o retrato da escravidão na América. Desta maneira,

O costume da escravidão é, na África como alhures, complexo cultural perfeitamente bem caracterizado e difundido. No Egito ou na Índia a escravidão é preponderante e tem mais importância do aspecto econômico do que em qualquer outra região de idêntico nível cultural. (BEZERRA, 1983, p.125).

Quando o autor afirma que a escravidão não instituída pelo ódio da raça branca com a raça negra e sim pelo crescente sistema capitalista, eu aceito mais com algumas ressalvas. A escravidão indígena trouxe alguns embates contra, como: A rejeição da instituição católica: a fragilidade dos Índios para contrair doenças trazidas pelos brancos: A não aculturação dos Índios para o sistema de plantações utilizada nos latifúndios e a facilidade que tinha os índios de fugir da escravidão, pelo conhecimento que os mesmo tinha do território, com tudo isso contra a escravidão indígena, a mão de obra escravas dos negros da África tornou-se acessível, movimentou a economia, a Coroa recolhia os impostos do tráfico dos negros e a Igreja não se opunha contra a escravidão negra. Já o ponto que o autor afirma que os negros e os brancos colonizadores tiveram contato harmonioso, facultando a miscigenação, aí eu vejo essa afirmação com ressalva, a miscigenação deu, mais pela falta da presença de mulheres branca na colônia, e os atributos de beleza inegável da mulher negra, prova que a miscigenação se deu por necessidade do branco colonizador e não porque nos primeiros momentos eles queriam manter-se um contato harmonioso como afirma o autor. Diante disso,

A confusão entre o fato sociológico a falsa impressão de um estrito antagonismo racial é que nos parece destituída de fundamentos, a falsa impressão de um estrito antagonismo racial é que nos parece destituída de fundamentos. A escravidão não decorre do ódio de raça, mas das lutas entre os povos. O próprio Artur Ramos escrevera que os portugueses que se quer puderam furtar a uma ação escravista na África tiveram com os povos negros

contato tradicionalmente harmonioso, facultando a intensa miscigenação que se operou, na empresa colonizadora dos lusos.(BEZERRA, 1983,p. 126).

Outro absurdo encontrado foi a citação da Grécia antiga, através dos textos de Platão e Aristóteles, para justificar uns dos maiores crimes contra a humanidade. Citar a escravidão presente na Grécia antiga não justifica, pois esta foi completamente diferente da escravidão que aconteceu por mais de 300 anos no Brasil. Nenhuma forma de escravidão tem fundamento justo, entretanto a americana foi mais perversa e desumana. O absurdo é afirmar que os castigos sofridos por escravos não foi tanto, apenas por não se encontrar instrumentos de castigos em locais públicos porque esses estavam nos porões dos antigos casarões. Assim há relatos nos livros que tentam justificar o injustificável com os seguintes argumentos: a escravidão teve início na idade média e não foram os colonizadores europeus os idealizadores desses atos desumanos. Comparar o crime cometido contra o homem na Grécia antiga com o que foi proporcionado pelo colonizador e pela elite do século XIX é inconsistente. Pois o <sup>7</sup>crime do colonizador das américas foi mais bárbaro. Até porque não se deve esquecer que a escravidão da América teve um conceito diferente. Indiferente a isso, o autor tenta descaracterizar os castigos sofridos pelos negros, provavelmente o mesmo desconhecia que os escravos eram jogados vivos ao mar para que os traficantes recebessem os seguros. Dessa maneira,

Sabemos que, nas cidades, na América e no Brasil, o negro escravo era açoitado publicamente nos pelourinhos. Este aviltamento, porém, não foi uma invenção do colonizador branco contra o preto cativo, porque o pelourinho foi um horripilante costume que marcou larga época, aplicado até com pretendidas intenções repressivas, mesmo a crimes leves, do que está cheia a Idade Média na Europa.

A referência aos calçados caros adquiridos preferentemente pelas populações de cor merece considerações um tanto mais amplas. Os desperdícios é um traço conhecido nas culturas primitivas, de um modo geral. Já se disse com acerto que a dissipação é um traço dionisíaco muito comum na etnia negra. ( BEZERRA, 1983,p. 127 ).

A cultura do negro também foi muito criticada através de sua música, o samba, muito elogiado hoje, na época recebeu severas críticas. O autor via a letra das músicas como “melosa” com temas com brigas de casais, lares desfeitos, contrapondo ao perdão e ao sofrimento com os lares desfeito, consoante o mesmo, esses dramas deveriam ser investigados pela psicologia. Essas críticas são feitas, possivelmente, devido ao fato de o samba ter “nascido” nos morros, em uma sociedade marginalizada pelas diferenças exorbitantes das desigualdades sociais de uma “subcultura” conforme o mesmo. Sendo assim,

---

<sup>7</sup> Idem, p. 125, 126, 127,128

Entre nós, o samba canção dos morros possui um leit-motiv perfeitamente evidenciado e caracterizado. O tema mais comum das estórias que relatam é passional. São conjugues enganados, abandonados, contra os quais se admoesta, mas também se perdoa por rogarem a volta ao lar desfeito. Este tema e variantes comportariam uma investigação pelos técnicos da psicologia profunda. São os dramas comuns e cediços na vida das populações das favelas do Rio, cuja explicação não estaria apenas e nem sempre no motivo econômico para qual se apela abusivamente, porém na sobrevivência das organizações sociais de muitos povos africanos, cujas estruturas comportam a poliginia e até a poliandria. (BEZERRA, 1983, p. 128).

Isso mostra que a música negra foi totalmente bombardeada pelo autor. É inegável que Bezerra foi amante da música erudita, e por isso ele desqualificasse a música dos negros demonstrando o desrespeito pela cultura do outro. Vejamos o que diz o autor.

(Entretanto, do ponto de vista sociológico o significado das canções negras expressas um modo de sentimentos e complexos, movimentados por intenso mecanismo psicanalítico.) ( BEZERRA, 1983,p. 128)  
“(Spirituals” e “Work songs” traduzem todos esses aspectos antagônicos, de reação ou conformidade, de lamentos, de ódio, de ciúme, de vingança, de ridículo.) ( BEZERRA, 1983,p. 128 ).

A escravidão imposta pelos colonizadores, o tráfico, os castigos sofridos pelos negros, foram para a humanidade um terrível acontecimento. Os negros vinham acumulados, arrumados ou jogados nos navios, não como seres humanos e sim como cargas humanas, meras mercadorias. Muitos morriam nas viagens, outros eram jogados ao mar vivos para os traficantes receberem os seguros.

Além disso, o que o autor chama de subcultura, vem apenas confirmar que o mesmo acreditava na superioridade da cultura ocidental e inferioridade de outras culturas. Responsabiliza a cultura dos negros pelos desperdícios, os tacham de gastadores. Bezerra faz referências aos caros calçados comprados pela população dita por ele como “inferior” como os negros e mulatos. Desde quando se vestir bem, usar belos calçados é errado? Isso é cultural. E graças a essa maldita herança colonial, o negro que sempre foi visto como com uma imagem inferior na época da escravidão os negros por serem forçados a trabalhar entre 12 a 16 horas por dia, hoje com as leis trabalhistas de 8 horas diária ainda é associado aos negros o estigma de trabalhar pouco. Segundo o mesmo, os negros não tinham interesse em progredir através do trabalho, preferem lazeres. Esses seres humanos que não tiveram oportunidade de melhores empregos, coube a eles sempre o subemprego, mesmo depois de mais de 100 anos da abolição os negros ainda são tratados como “escravos”. Sendo assim,

Muitos convertem o tempo de trabalho que lhes permitiria economizarem, em tempo empregado em lazeres: cantos, danças e bate papos. Provavelmente foi o que aconteceu aos negros da lavoura em Sergipe, em face de aumentos de salários. O autor conheceu usinas onde vários

trabalhadores se davam por satisfeitos com ganhos de três ou quatro dias por semana, da terça a sexta. Não se deve esquecer que os africanos para cá trazido emergiam de sociedades tribais para uma subcultura. (BEZERRA, 1983, p. 127)

A etnia negra é massacrada de todas as formas pelo autor, até pela desorganização da sociedade o autor responsabiliza a cultura ou a “subcultura “dos negros. É inacreditável como para o autor do livro *Etnias Sergipanas* os negros são responsabilizados por tudo que acontece, em nenhum momento as condições econômicas, as desigualdades sociais são colocadas como responsáveis por isso, ele prefere culpar o negro na sua essência, segundo o autor isso é um feito da etnia negra, “herança” e com a miscigenação foram adquiridas pelas populações negras e pobres da sociedade brasileira.

Para isso, o autor se baseia em depoimento de organizações, de pessoas e de outros intelectuais, como por exemplo a de Renê Ribeiro. No entanto, entendemos que as condições sociais e econômicas são as principais responsáveis pela desorganização social, contudo, o autor teima em colocar a responsabilidade na etnia negra. Neste sentido,

Nos albores da colonização americana foi preciso a intervenção da lei, devido a que certo número de mulheres inglesas “esquecida de sua condição livre e de que desonram o nosso país, se casam com negros” (comentários de E. B. Reuter, Apud. Burn em “Race Mixture”, 1934- 403) (BEZERRA, 1983, p. 129).

Dessa forma, também, o escritor tenta desqualificar as atitudes das mulheres brancas nas escolhas de negros para o matrimônio em detrimento de homens brancos ou justificar essas escolhas com o argumento de que isso se deu por falta de homens da mesma cor de pele. Contudo esse tipo de argumento não tem validade alguma, uma vez que o número de homens brancos surgidos nos estabelecimentos era maior do que o de mulheres. Sendo assim, o preconceito racial existe tanto no mundo como no Brasil. Na época do autor, em partes do país e em alguns segmentos da sociedade havia o mascaramento dos fatos preconceituosos. Essa atitude comprova a existência de uma sociedade hipócrita, assim fica claro que em algumas camadas desta mesma sociedade exista, em algumas pessoas, a preocupação em esconder, em mascarar atos preconceitos, entretanto, hoje, está mais difícil querer negar esses atos. Principalmente em uma época onde existe uma explosão de redes sociais, a mídia está sempre mostrando casos de pessoas que sofrem preconceito. Em meado de 2014, a mídia focou em alguns casos no meio do futebol, acontecidos no Rio Grande do Sul e em São Paulo. Nesses casos as vítimas foram um arbitro e alguns jogadores de futebol, então negar esses preconceitos é o mesmo que negar a própria existência. Geralmente, as maiores vítimas, tanto no mundo como no Brasil, são os jogadores brasileiros e os do



continente africano e para isso os agressores usam a banana para simbolizar esses atos. Neste contexto,

Interessante notar que no Brasil, em São Paulo e no Rio de Janeiro, os matrimônios com faíodermas em geral e até com fenótipos de negros são vistas com japoneses. Não há escrúpulos de parte a parte. Assim sendo, podemos considerar o fato como resultado de primeiro não haver em nosso país a pressão do preconceito racial, acentuando nem o comportamento de cada grupo étnico, o dos mestiços ou o dos nipônicos, diferir por causa das condições culturais reinantes em cada lugar. Isto torna preconceito coisa extremamente relativa e, portanto viável de ser extinta. ( BEZERRA, 1983, p. 130 ).

No capítulo Xangô-Lambe-sujo, o autor relata o sincretismo religioso nas crenças dos negros pobres, com o olhar antropológico o mesmo consegue enxergar, quando das suas visitas a alguns terreiros de Aracaju, ele visualiza essa mistura religiosa ou um apanhado, de um pouco de cada religião e que se transforma em verdade para os mesmos. Nas manifestações dos personagens nos terreiros, Bezerra em suas observações mais criteriosa<sup>8</sup> identifica conceitos de religiões como: catolicismo, espiritismo, mulçumana, indígena, e o xangô africano, mas que deixando claro que essa religião não se faz presente em toda a sociedade e sim com precisão nas classes dita “inferiores” periféricas da capital. Sendo assim,

Nos cânticos, há referências tanto a santos católicos como a orixás africanos e fetiches silvícolas, o que depende da homenagem para que se execute a função, segundo explicam-nos o próprio “pai de santo” Recolhemos os seguintes estribilhos: “É a rainha das águas” – alusão à mãe d’água ou sereia. “Ela é que vem nos salvar”, referência a Nossa Senhora da Conceição,” Eru, Réu, Eru é cabôco brabo, entrando em louvor desse espírito de (íncola). (BEZERRA, 1983. p. 138 ).

A citação acima vem apenas confirmar a fusão de várias culturas em torno do xangô e que não difere de nenhum outro em qualquer região do Brasil, o autor passa a fazer descrições dos locais onde estão locados, a divisões dos compartimentos da casa, os objetos e para que serviam, os rituais, as referências a vários santos católicos, o pegi (altar), as velas, as oferendas, como se vestem, os cânticos que referenciam tantos a santos católicos quanto aos orixás africanos e finalmente ao fetiche silvícolas. Tudo isso são traços de aculturação ou fusão de culturas que se transformou-se em crenças de pessoas “simples” nas zonas periféricas da capital do estado de Sergipe.

O autor vai descrevendo passo a passo os rituais do candomblé e deixando claro o sincretismo religioso e a complexidade das culturas aqui envolvidas. A convivência com pessoas de regiões e continentes diferentes e a absolvição cultural de outras religiões

---

<sup>8</sup> Bezerra, Felte, Etnias Sergipanas, Aracaju, Ed. J. Andrade, 1984, p. 127, 129, 130,138

fortaleceram ainda mais a crença desse povo. O mesmo relata que o povo está feliz durante esses os rituais e fazem referência aos santos católicos tais como: Santa Barbara, São Jorge, Nossa Senhora da Conceição. Outro exemplo comum a outras religiões são artefatos como o pegi que no catolicismo representa o altar, o batismo com o sopro no ouvido, a invocação aos espíritos, e a “cura” presentes no espiritismo, na religião indígena quando invoca o caboclo “Eru”, que segundo o autor é Toré a divindade dos gentios. Ainda há outros costumes como uso de panos na cabeça, de penas de aves, de invocação aos orixás africanos, de palavras nagôs. Etc. dessa maneira,

Parece-nos que se trata de um dos muitos exemplos de sincretismos complexo, a que ARTHUR RAMOS denomina afro-indo-espirita-católico, onde se misturam e entrelaçam ritos africanos, silvícolas, baixo espiritismo e católico-popular. Sem sombra de dúvida, a base de todo o ritual

Possui fortes traços sudaneses. O candomblezeiro, denominado “pai de santo” exprime origem gêge, como tradução vóduo-no, mãe de santo- (ou pai conforme o sexo, bem como as dançarinas, apelidadas de “filha de santo”, expressão em correspondência com estoutra- “mulheres de santo”-, (NINA RODRIGUES), entre os povos da Guiné e costa d’africa. Essas “filhas de santos” relacionam-se às sacerdotisas iorubas e daomeianas, as kosi, que se destinavam à iniciação sagrada, embora aqui sem aquele sentido sexual, pois evidentemente não se trata de horizontais, como as referidas pelo mestre baiano. Aqui, como vimos, seu estado civil é indiferente a situação de “filha de santo”. Como característicos sudanês, deve-se ainda mencionar o canto de frase curta e repetida indefinidamente (BEZERRA 1983,.p. 139).

Na obra, o autor trata a situação do nativo de Sergipe de forma bem diferente de como foi tratada a situação dos negros. O mesmo lamenta o método usado pelos colonizadores, tachando de brutais e de escravizadores, que, segundo ele, foi uma mudança radical e drástica para a cultura indígena. Já com o negro foi diferente, é como se este tivesse nascido para serem escravos e aquele não. O autor acusa os colonizadores de desumanos, de incompreensíveis e de não seguirem os ensinamentos dos padres, com isso deixa a entender o velho conceito da instituição católica que os negros tinham que ser escravizados por não terem alma, enquanto os índios tinham recuperação, poderiam ser civilizados e batizados na religião católica. Diante disso,

Lamentavelmente, a atitude desapiedada do branco, ditada pela cobiça de escravização do aborígine, produziu choque e uma incompreensível reação da parte deste, tendo se criado, daí em diante, o conflito e a hostilidade entre o colono e o ameríndio, que estabeleceu lutas constantes, agravadas e postas em foco pelo eterno e louvável proposito de interferência em favor dos naturais por parte dos missionários religiosos. (BEZERRA, 1983, p. 145)

Também existe certa lamentação ou decepção pelos sergipanos não terem sangues incolos nas veias e responsabiliza os colonizadores pela hostilidade como foram

tratados os índios e cita alguns motivos que levaram os povos de Sergipe a não terem uma descendência maior dos nativos. Primeiro que a metrópole percebeu muito tarde a licença para a “hostilidade”, quando o índio se tornasse “hostil”, segundo foi o morticínio da empresa de Luís de Brito, terceiro foi a carnificina da operação de Cristóvão de Barros, que levou a morte de mais de 6 mil índios e muitos outros fugiram para muito longe da capitania, outros motivos é que os mesmos nunca deixaram escravizaram e que os negros foram traficados logo cedo para substituírem a escravatura índia e que quase não aconteceu, por força imposta pelos padres, Sendo assim,

Após a independência, ou melhor, com o século XIX, veio o recolhimento do papel do aborígene na formação do nosso povo, e começaram os tempos de louvores a ele, cuja ascendência receava, mas antes e até exibia, por vezes, orgulhosamente, no conceito geral de que, superiores à advena africana, - desconhecidas, então, as diferenças culturais entre os dois elementos étnicos, com vantagem para este sobre aquele, em nada seria desonroso ter seu sangue nas veias. (BEZERRA, 1983 p.146).

Além do mais, o autor trata com mais insistência sobre a mistura na formação da população sergipana, indicando a amplitude da miscigenação processada nessas terras. O cruzamento do índio com o europeu e com os negros e ainda com membros da mesma família. Mostra também casais com vários filhos e às vezes com pequenas semelhanças e grandes diferenças físicas, sendo uns louros, outros mulatos, isso filhos de casais de igual cor, conquanto isso é explicado de forma mais concreta nas zonas da área litorânea, onde prevaleceu a monocultura da cana de açúcar, que teve uma forte concentração de negros nessa região açucareira. Assim,

Em consequência disso, a faixa litorânea do estado é caracterizada pelo cruzamento do colonizador europeu com o africano. Contém, na nossa de sua população, muitos negros, muitos brancos e, sobretudo notável percentagem de mulatos, e uma infinidade de gradações, em restritos casos indicativos da intrusão de sangue indígena. (BEZERRA, 1983, p. 155).

Sendo assim, o que deve nos deixar alerta é a negação dos preconceitos raciais, essa obra foi publicada em meados do século XX, quando o mundo estava saindo da segunda Grande Guerra Mundial. Segundo o autor, cidades como Japoatã e Porto da Folha os moradores ainda se espantavam com a presença dos negros na cidade, o mesmo cita uma palestra de um Deputado estadual, filho de Porto da Folha, em que o citado diz que grupos políticos eram separados pela cor da pele e que se o político aderisse aos eleitores negros os brancos não votariam naquele candidato e vice-versa. Então querer negar movimentos

preconceituosos como esses, é querer negar o óbvio. É mascarar e esconder o preconceito racial. Desta feita,

Distinto Deputado de nossa Assembleia Estadual, filho do município de Porto da Folha, revelou-nos que, ali, a própria política separa em dois grupos, pela cor, os eleitores dos partidos em concorrência. “Quem fica com um grupo perde o outro”, concluiu o nosso idôneo informante (227). Certamente que o fato, esporádico, não tem menor significado como antagonismo de raça entre nós, pois seriam, em tal hipótese, simples, resquícios de preconceito em franca via de completo desaparecimento. (BEZERRA, 1983, p 159).

O branqueamento da população virou uma obsessão de parte da população brasileira, quando essa obra foi publicada em 1950, de acordo com a estimativa do autor. Segundo ele, entre duas a três décadas posteriores, a população de Sergipe passaria por um processo de “branqueamento”. Apesar desse desejo que foi incorporado pela sociedade conservadora e preconceituosa, esse clareamento da pele não aconteceu. O que não dar para negar é que nesse aspecto tanto a sociedade do século XX como a do XXI se são semelhantes.<sup>9</sup> Os preconceitos sempre existiram e continuaram existindo, só que é mais fácil para essa elite dominadora fazer uso de “hipocrisia” querer mascarar, negar o preconceito. Neste Sentido,

É inegável o branqueamento por que vai passando a massa da nossa população. O fenômeno é de alcance franco a quantos o observam com seriedade e espírito de investigação científica. Opera-se, especial e mais precisamente, nos seguintes setores: entre brancos e mestiços, produzindo os mestiços disfarçados e os branqueados. Cruzados estes entre si, ou ainda com brancos, a nova geração será de branqueados ou de tipos que, realmente, podem, sem erro de critério, científico ser colocados entre os brancos. (BEZERRA, 1983, p. 167).

Quando o autor faz alusão aos colegas de grupo escolar, onde negros e brancos andam lado a lado e que jamais estes chamam aqueles de pretos ou negros e sim moreninhos cravo e canela, como diria JORGE AMADO, ou algo semelhante. Essas expressões são pejorativas, são formas de disfarçar os preconceitos de raças e de cor. Existem pesquisas deste e de outros autores comprovam que, em regime matrimoniais, é normal a formação de casais com homens mais escuros e mulheres mais clara. Sendo que há uma aceitação desses homens quando eles têm uma situação financeira, intelectual e educacional melhor que a da futura companheira. Destarte, concordo com o autor quando afirma que os negros são melhores tratados quando têm certa posição ou um status social. Assim, convém perguntar por quem estão ocupados os cargos públicos de altos níveis nos três poderes? Os negros sobressaem-se na música e no futebol e apenas um ou outro no meio intelectual. Esse fardo é resultado de

<sup>9</sup> Idem, p. 139, 145, 146, 155, 159, 167, 176

trezentos anos de escravidão. Esses ditos “brancos”, com situação financeira elevada, são descendentes dos “senhores” escravista e traficantes de escravos, por isso ainda se mantêm no topo da pirâmide de uma sociedade conservadora que se perpetua no país. Assim,

Entretanto, convém apreciar o fenômeno também de relação à mulher. Se o homem, por qualquer dos motivos expostos, procurar sempre a mulher mais clara, quer nos parecer que esta o aceita sempre em obediência ao fenômeno da hipergamia. É a boa condição econômica do marido, especialmente, o que a faz concordar com um esposo mais escuro. Assim é muito comum, ele o negro, ela mulata escura; ele mestiço escuro, ela mestiça clara; e as variantes dentro desses esquemas, até o exagero de um frisante disparidade na tez dos cônjuges. (BEZERRA, 1983, p. 176).

Nesse panorama, podemos observar que no Brasil o preconceito racial é diferente do preconceito existente nos EUA e na África do Sul, em nosso país não houve segregação, não de direito, mas de fato sim. Nos cargos públicos dos altos salários, nas universidades nos cursos de medicina e direito com raras exceções existem os negros, no entanto esses mesmo são encontrados em grande número nos subempregos. Com essas divisões por cor e classe, em que mostram a elite nos melhores colégios particulares e os filhos dos negros pobres nas escolas públicas sem estrutura, sem professores e até sem água, fica evidente a segregação. Contudo em uma sociedade capitalista, conservadora e elitista é “normal” querer negar o preconceito e essa negação hipócrita é usada como arma pela elite do país. Diante disso,

Nas ruas residenciais do centro das cidades, nelas incluída a Capital do Estado, é frequente encontramos mestiços e mesmo negros que moram lado a lado dos brancos, sem embargos de que seja dos últimos, a quase totalidade, muitas vezes. E, portanto, desconhecida qualquer ideia de separação. (BEZERRA, 1983, p. 179).

Na obra aqui exposta, o preconceito não foi um “direito” exclusivo dos negros, a figura da mulher era vista em segundo plano, os direitos das mulheres neste período eram todos negados, é tanto que o autor afirma que as mesmas para alcançarem Ascensão social se beneficiavam da graciosidade e da beleza, em nenhum momento autor fala da intelectualidade como ferramenta para almejar novos horizontes. Sendo assim,

É claro, contudo, que os dotes de beleza física nem sempre estão presentes, e sem eles a mulher mestiça jamais tinha uma ascensão social, porque nunca apela para os valores intelectuais, entre nós, mesmo quando possui esta possibilidade, se portadora de traços de inteligência ou cultura. (BEZERRA, 1983, p.182).<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Bezerra, Felte, Etnias Sergipanas, Aracaju, Ed. J. Andrade, 1984, p. 179,182

## TESE CENTRAL DA OBRA

O livro *Etnias Sergipanas*, trata da formação da população sergipana; da vida do negro na sociedade sergipana; da miscigenação; da contribuição das etnias Indígena, Negra, Europeia, e das consequências dessa miscigenação. Trata também do folclore, da religiosidade, do sincretismo religioso, e dos locais onde se fixaram. O autor alerta que essa divisão foi feita de acordo com a conveniência: os pequenos agricultores, na região do agreste; a pecuária, no sertão; os grandes latifundiários e a agricultura da monocultura como a cana-de-açúcar se fixaram no vale do Cotinguiba, nas terras de massapê, propícia para essa agricultura; os negros se fixaram mais no litoral e perto dos engenhos.

O autor também cita as diferentes etnias: o português como o grande responsável pela formação do povo sergipano, o holandês apesar do pouco tempo que ficou nas terras sergipanas deixou resquícios na cultura e na genética, a etnia índia que foi mal

utilizada pelos colonizadores. Contudo o foco do estudo centraliza na etnia negra, fazendo severas crítica a sua música, a seus costumes, a sua religião, aos sentimentos de inferioridade, que segundo ele são os próprios negros quem se auto inferiorizam. Afirma também que para haver a união pelo casamento entre o homem negro e a mulher mais clara é preciso que o homem tenha uma melhor condição social, mas que isso não é preconceito racial e sim uma questão de estética.

A obra também retrata a colonização de Sergipe, a relação dos colonizadores com os índios, que por intolerância dos colonizadores essa etnia foi extinta, faz referência a tolerância dos Jesuítas e a relação amistosa destes com os índios e a problemática que tiveram com os latifundiários que culminou com a expulsão dos padres e a dizimação dos índios nas terras sergipana.

O que mais impacta na obra é a negação dos preconceitos raciais do autor e de outros intelectuais da época, principalmente brancos. A negação é contraditória, ao mesmo tempo em que afirma não haver preconceito ele diz que a união tem que ser em situação oposta, o negro tem que ter melhor condição social, assim o autor nega o inegável. O negro está aí com sua cultura, sua música, a mistura de raças afro-brasileira.

## **REFERÊNCIAS TEÓRICAS METODOLÓGICAS:**

**Emilio Willems** Cientista social Alemão, radicalizado no Brasil e sucessivamente nos Estados Unidos da América. Nasceu na cidade de Colônia em uma tradicional família católica, estudou Latim, Grego, e letras clássicas, em 1924 iniciou os estudos de ciências econômicas na Universidade de Colônia e Berlim. Em Berlim, entrou em contato com a escola sociológica Alemã que contava com a influência de Ernst Troeltsch, Max Weber e outros. Em 1931, emigrou para o Brasil e lecionou em um seminário católico, em 1936 veio para a capital de São Paulo lecionar Sociologia na escola de Sociologia de São Paulo, em 1941 tornou-se Professor catedrático de Antropologia na Faculdade de filosofia ciências e letras da Universidade de São Paulo, na faculdade de filosofia também ministrou aulas de sociologia, disciplina em que obteve seu título de livre docência em 1936.

**Donald Pierson:** Sociólogo Estadunidense, formou-se em doutor pela Universidade de Chicago em 1939, depois permaneceu como professor na escola de sociologia e política de São Paulo. O seu livro *Negroes in Brasil, a Study of race contact at Bahia*, baseado na sua tese, contém principalmente quadros numéricos classificando pessoas por tipo racial, para concluir que embora os negros ocupassem os degraus mais inferiores da escala social brasileira, não havia preconceito de origem racial.

**Roger Bastide:** Sociólogo Francês, formou-se pela Faculdade de letras de Bordeaux e pela Sorbonne, como membro da “missão francesa” contratada pelo núcleo do corpo docente da faculdade de filosofia de São Paulo, lecionou quase vinte anos no Brasil, foi membro da sociedade de sociologia e psicologia de São Paulo.

**Oracy Nogueira:** Filia-se então ao Partido Comunista Brasileiro, ao qual permaneceria vinculado até meados dos anos 1960, Ingressa em 1940, no curso de bacharelado da Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), em São Paulo, como estudante-bolsista de Donald Pierson. Ainda em 1945, por meio de um convênio firmado entre a ELSP e a Universidade de Chicago, segue para os Estados Unidos para a realização do doutoramento naquela Universidade. Lá permanece sob orientação de Everett Hughes, cumprindo créditos nos Departamentos de Sociologia e de Antropologia até 1947. Na ELSP, Oracy ensina no curso de graduação desde 1943 e, a partir de 1947, no de pós-graduação, desenvolvendo simultaneamente atividades de pesquisa. Integra também a direção da Revista Sociologia, de 1948 até 1958. Data dessa época também sua colaboração com a Comissão Paulista de Folclore, liderada por Rossini Tavares Lima e sua participação nos debates conceituais então travados pelo Movimento Folclórico.

**Antonio Rubbo Muller:** Sociólogo (Jundiaí, 8 de março de 1911 - São Paulo, 6 de agosto de 1987). Sociólogo brasileiro, autor da Teoria de a Organização Humana. Fundador, diretor e professor titular de Antropologia Social da Fundação Escola Pós-graduada de Sociologia Política de São Paulo -FESP- Instituto da Universidade de São Paulo, Brasil.

**Ralph Linton:** Antropólogo americano, nascido em uma família abastada na cidade Cuquera, recebeu uma educação muito cuidadosa e corrediça. Depois de estudar em



uma escola Cuquera, fez cursos de literatura e história no Swarthmore College, então começou a ser considerado como um dos principais membros da escola antropológica americana chamada "Cultura e Pers. Em 1936 anos, ele publicou seu célebre trabalho, O Estudo do Homem Uma Introdução, e no ano seguinte, aceitou um cargo na Universidade de Columbia em Nova York.

**Franz Boas:** Antropólogo, nascido na Alemanha, “Pai da Antropologia Americana Estudou na Alemanha, Boas foi premiado com um doutorado em 1881 em física, enquanto estudava geografia”. Em seguida, participou de uma expedição geográfica ao norte do Canadá de 1883 a 1884, onde ficou fascinado com a cultura e a língua da ilha de Baffin se tornando o primeiro estudioso a envolver-se em trabalho de campo prolongado com o Inuits. Em 1887 emigrou para os Estados Unidos, onde trabalhou pela primeira vez como um curador do museu no Smithsonian, e em 1899 tornou-se professor de antropologia da Universidade de Columbia, onde permaneceu pelo resto de sua carreira.

**Ruth Benedict:** Antropóloga americana, nasceu na cidade de Nova Iorque, tendo estudado no Vassar College, onde se formou em 1909. Iniciou sua graduação na Universidade de Columbia em 1919. Lá entrou em contato com Franz Boas e se tornou PHD. Benedict estava entre os principais antropólogos culturais recrutados pelo governo dos Estados Unidos para pesquisar os relatos de guerra e dar consultoria após a entrada do país na Segunda Guerra Mundial. Um de seus trabalhos menores foi um panfleto intitulado As raças da Humanidade, escrito em parceria com seu colega no Departamento de Antropologia da Universidade de Columbia.

**Robert Lowie:** Lowie nasceu em Viena, mas chegou ao Estados Unidos em 1893, e se formou na faculdade da cidade de Nova York em 1901, e na Universidade de Columbia em 1908, onde estudou sob a orientação de Franz Boas.

Em 1909 ele tornou-se um curador assistente do Museu Americano de História Natural, em Nova York. Influenciado por Clark Wissler, Lowie especializou-se em nativos americanos. A partir de 1921 até sua aposentadoria em 1950, foi professor de antropologia na Universidade da Califórnia, onde foi figura importante no meio acadêmico junto com Alfred Kroebe, antropólogo austríaco.

**Eugene Pittard:** Antropólogo Suíço, o fascínio de Pittard pela antropologia começou durante uma estada em Paris. Ele foi seguido por uma tese de doutorado sobre

antropologia em 1898. Embora Pittard fosse um professor popular de carismática personalidade nas salas de aula, ele é mais lembrado como um cientista. O cerne de sua tese envolveu um extenso estudo dos crânios recuperados dos ossários em Valais. Mas ele também estava profundamente interessado nas pessoas, Pittard também era de opinião de que os métodos descritivos em voga durante os seus tempos eram ineficazes no estudo dos seres humanos. Ele também afirmou que a abordagem antropométrica e de raça como base fundamental da pesquisa eram inúteis em estudar e descrever os seres humanos. Ele publicou suas descobertas em um livro em 1924, intitulado *Raças e História*.

Quase duas décadas antes da Segunda Guerra Mundial começou a propaganda nazista para a necessidade de preservar uma raça pura de pessoas, Pittard havia declarado que não havia uma raça pura de pessoas na Europa. Esta era uma reivindicação, nesse momento, uma vez que Pittard estava especulando, ainda que com base em sua vasta experiência de estudar pessoas. Mas quando a genética desenvolveu-se significativamente na década de 1960, o mundo passou a saber que Pittard tinha razão.

**Nina Rodrigues.** Médico legista e Antropólogo, Nina Rodrigues defendeu ideias que hoje podem ser qualificadas como racistas, mas, à época, eram consideradas científicas e avançadas. Ele foi fortemente influenciado pelas ideias do criminólogo italiano Cesare Lombroso. No ano da abolição da escravidão, escreveu: "A igualdade é falsa, a igualdade só existe nas mãos dos juristas". Em 1894, publicou um ensaio no qual defendeu a tese de que deveriam existir códigos penais diferentes para raças diferentes. Na sua grande obra, *Os Africanos no Brasil*, escreveu: "Para dar-lhe [a escravidão] esta feição impressionante foi necessário ou conveniente emprestar ao negro a organização psíquica dos povos brancos mais cultos (...) O sentimento nobilíssimo de simpatia e piedade, ampliado nas proporções duma avalanche enorme na sugestão coletiva de todo um povo, ao negro havia conferido (...) qualidades, sentimentos, dotes morais ou ideias que ele não tinha e que não podia ter; e naquela emergência não havia que apelar de tal sentença, pois a exaltação sentimental não dava tempo nem calma para reflexões e raciocínios".

**Artur Ramos.** Médico psiquiatra, Antropólogo, Psicólogo. O etnógrafo utilizou a psiquiatria, a psicanálise e a antropologia para investigar a mentalidade e a cultura dos brasileiros. De certa forma, pioneiro na aplicação da psicanálise para a pesquisa da religiosidade de origem negra no Brasil, Ramos também questionou o programa educacional de compromisso higienista.

**Gilberto Freyre:** Sociólogo, Antropólogo, Historiador. Quando jovem, tornou-se protestante batista, chegando a ser missionário e a frequentar igrejas batistas norte-americanas. Foi estudar nos Estados Unidos, quando se desencantou com o protestantismo batista e tornou-se sem religião, embora esposando uma cosmovisão cristã e vendo com simpatia o catolicismo popular e o xangô. Seu primeiro e mais conhecido livro é *Casa-Grande & Senzala*, publicado no ano de 1933 e escrito em Portugal. Nele, Freyre rechaça as doutrinas racistas de branqueamento do Brasil. Baseado em Franz Boas, demonstrou que o determinismo racial ou climático não influencia no desenvolvimento de um país. Entretanto, essa obra deu origem ao mito da democracia racial no Brasil, com relações harmônicas Inter étnicas que mitigariam a escravidão brasileira, que, segundo Freyre, fora menos ruim que a norte-americana.

O texto dissertativo, historial social, o período que foi publicado, na primeira metade do século XX, quando há algumas décadas a eugenia estava em alta, por isso a leitura que Felte fez de vários intelectuais, principalmente na área de medicina, nas quais os mesmos acreditavam na “raça pura” influenciou bastante nas conclusões de suas ideias. Médico maranhense Nina Rodrigues e outros foram influenciados pelo Italiano e criminólogo Cesare Lombroso, que hoje sabe-se que suas ideias estão completamente ultrapassadas e preconceituosas, mas no início do século XX foram usadas pela justiça do Brasil e de São Paulo, e foram responsáveis por acusação de negros, supostamente “culpados” por crimes praticado por alguém desconhecido. A leitura desses intelectuais somada a cultura da elite dominadora do país foi fator primordial para influenciar o autor Felte Bezerra, na obra *Etnias sergipana*.

A antropologia era entendida como antropologia física, voltada para o estudo da evolução das raças e para medições osteométricas. Felte sofre grande influência já a partir do seu local de formação, a Bahia, onde as ideias de Nina Rodrigues e Artur Ramos, pioneiros dos estudos dos negros do Brasil, se faziam presentes, Felte foi aluno de Artur Ramos, pouco antes deste mesmo se mudar para o Rio de Janeiro e cursou com ele odontologia legal, segundo Beatriz Gois Dantas. Mas a publicação do livro foi incentivado por Emilio Willems, professor da ELSP E USP, a se comunicação entre os dois se deu através de correspondências que se prolongou por mais de dois anos, na qual houve um intercâmbio de ideias, de discursos sobre o livro e de práticas metodológicas, o que culminou com a publicação do livro *Etnias sergipanas*.

O antropólogo, historiador sergipano Felte Bezerra, poderia ser classificado como participante da escola dos Annales, dentre as demais escolas o mesmo se aproxima desta por incorporar método das ciências sociais à história. Em sua pesquisa o autor abre e alarga seus conhecimentos. Além da história, faz uso de métodos multidisciplinares que abrange outras ciências como: sociologia, psicologia, geografia, se aproximando do fundador da escola dos Annales Lucien Febvre.

## **CONTEXTO HISTÓRICO**

Político: Sergipe, em 1950, foi palco das eleições estaduais e até de campanhas políticas para presidente e senador da república. Getúlio Vargas, candidato a presidente, pelo partido PTB, chega a Aracaju, em campanha política, onde é aclamado e ovacionado pela população sergipana, no seu discurso bem planejado, prometendo executar os projetos para favorecer Sergipe, como o da abertura da barra para a passagem dos navios para os portos sergipanos, essa fala deixam a sociedade em êxtase. Mesmo assim, Getúlio não toma partido pela política estadual, que acaba elegendo para governador Arnaldo Garcez do PSD. Mas após o governo de Garcez, o partido opositor elege para governador Leandro Maciel que assume o governo do estado em 1955.

Economia: Os irmãos Gentil e Noel Barbosa fundaram a empresa Gbarbosa e abrem sua primeira loja de secos e molhados na rua da frente, essa que viria a ser, cinco décadas mais tarde, a quarta maior empresa do ramo de varejo do Brasil.

Social: É aprovada a lei de nº 26, de 29 de novembro de 1950, no artigo 1º da lei foi aprovado o plano de arruamento da praia 13 de julho, nesta capital, em terreno de propriedade de Edgard Melo de Santana.

A lei nº 12 de julho de 1950, autoriza o Prefeito a mandar construir calçamento e dá outras providências, no artigo 1º, o prefeito autoriza e manda calçar com paralelepípedos a rua Silvo Romero.

Intelectuais: O Estado de Sergipe teve que esperar quase três décadas para assistir ao surgimento das primeiras faculdades locais. Só a partir do final da década de 1940 é que surgem os primeiros estabelecimentos de nível superior: a Faculdade de Ciência Econômica (1948), a Faculdade de Química (1950), a Faculdade de Direito (1950), acompanhadas da criação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe - FCFSE (1950) e de sua mantenedora, Sociedade Sergipana de Cultura; a Escola de Serviço Social (1954) e, finalmente, a Faculdade de Ciências Médicas (1961).

## **REPERCUSSÃO DA OBRA:**

*Etnias Sergipanas*: Editado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe durante a presidência de Garcia Moreno e prefaciado por Emílio Willems, professor prestigiado da ELSP e da USP, com trânsito em universidades dos Estados Unidos, o livro teve ampla divulgação, sendo metade de sua edição de 500 exemplares distribuídas em São Paulo, tendo boa aceitação nos circuitos acadêmico.(DANTAS, 2009, P.242).

O livro *Etnias Sergipanas* é o trabalho mais significativo de Felte Bezerra no campo Antropológico em sua fase de vida em Aracaju, e o mesmo já trazia em seu currículo uma obra referendada pelo prestígio de mestres paulista e eminentes figuras do mundo intelectual da época.

Em *Etnias Sergipanas*, o livro gestado no final da década de 40 e editado no início de 1950, há referências à participação dos estudantes do segundo grau nos levantamentos que subsidiam suas análises.

Na obra *Etnias Sergipanas*, aplicando conceitos da Antropologia Cultural norte-americanas, traça um quadro geral da história e prováveis origens do negro, do índio e do branco em Sergipe, bem como de suas relações no plano de raça e de cultura. Com esse livro,

amplia seu circuito de interlocutores externos e participa das discussões sobre relações inter-raciais, importante agenda de pesquisa à época. (DANTAS, 2009, p. 250).

## **FONTES;**

O autor na produção da obra *Etnias sergipano* baseou-se em fontes oficiais e não oficiais livros de autores da antropologia como Afonso Arinos de Melo Franco, no livro conceito de civilização Brasileira, ou também do autor Ralph Linton, o homem, Introdução Antropológica, dentro de todas as leituras, a antropologia física se fez presente e influenciou bastante o autor, principalmente livros que trata do homem e seu biótipo, conceitos de diferenças físicas e suas consequências dessa estrutura física para a sociedade. O escritor se baseou em autores como, W. Berandinelli, “tratado de biotipologia”, ou o livro de C. G. JUNG. “Tipos psicológicos”.

Os livros desses autores buscam respostas das violências e desigualdades sociais, no biótipo humano, na raça negra, isentando de culpa o meio social onde o mesmo vive, leituras como a de KEANE que acredita em raças superiores e inferiores, onde o mesmo afirma que o negro puro da África é uma raça inferior.

O autor também foi leitor e indica o livro de J. B. Haldane, “Herança Y Política”, e afirma que o mesmo é seguidor da genética evolutiva, também fez parte de suas inúmeras leituras os relatórios dos presidentes da província de Sergipe, arquivo público do Estado e biblioteca do instituto Histórico e geográfico de Sergipe.

Algumas pesquisas são interpretadas e lançadas como verdadeira, mas o autor mesmo confirma que o pesquisador dessas pesquisas, não cita fontes, por isso o autor não tinha como confirmar tais informações. O mesmo usa com mais intensidade os relatórios presidenciais e os artigos de jornais da época. (BEZERRA, 1950)

## **DEBATE HISTORIOGRÁFICO**

O autor se influenciou em vários autores, principalmente os da antropologia física, o mesmo se apoia no Brasileiro Nina Rodrigues, que mesmo sendo mestiço, não se considerava como tal. Nina defendia pena diferente para o mesmo tipo de crime, mais pesada para o praticado por negros e mais branda para os brancos, a diferença estava na cor da pele, para Nina o mais importante era o criminoso e não o crime. Outro autor muito importante foi DONALD PIERSON, sociólogo americano, que mesmo com pesquisas e quadro numéricos classificando pessoas por tipo racial que concluía que embora os negros ocupassem os

degraus mais inferiores da escala social brasileira, o mesmo não acreditava em racismo tal como definido no Estados Unidos da América.

O Italiano Cesare Lombroso, pai da criminologia moderna fez escola no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, inclusive a metodologia do mesmo foi utilizada em São Paulo, para desvendar crimes e punir suposto “assassinos”, um dos mais importantes alunos de Lombroso foi Nina Rodrigues, que com suas ideias no mínimo preconceituosas, influenciou fortemente Bezerra que já havia escolhido a antropologia Física e seus autores para apoiar a sua tese. Independente da definição é triste aceitar que o preconceito racial foi e ainda continua sendo muito forte em nossa sociedade.

O mesmo dialogou com muitos autores, dentre eles o Nina Rodrigues, Artur Ramos, Gilberto Freyre, a metodologia utilizada foi a análise do discurso.

O autor elaborou a sua obra em cima de análise do discurso de outras obras sobre o mesmo tema. Como o tema central da sua obra é o negro, é comum o mesmo analisar e seguir o mesmo rumo de outras obras que tratam do mesmo tema, análise de pesquisa sobre a vida dos negros do Brasil, pesquisa sobre os casamentos dos negros e sobre a quantidade de negros existente nas comunidades pesquisadas. É uma obra com recursos linguísticos simples, raras são as palavras que precisou consultar dicionários, diríamos que foi raríssima e que esta é uma obra de fácil leitura. No entanto para escrever essa obra o autor explora muito os relatórios presidenciais da província e os artigos dos jornais da época. Relatórios e artigos sobre libertações, vida e preços dos negros.

O autor escreveu o seu livro para pessoas com o intelecto mais avançado, pessoas que vivem no mundo acadêmico, é tanto que segundo Beatriz Gois Dantas a metade da primeira publicação foi distribuída para o mundo acadêmico, principalmente em São Paulo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

A obra, a título de conhecimento é muito importante, um dos pontos mais importante é entender como se formou a população sergipana, as desigualdades sociais, em que os negros e os pobres foram empurrados às zonas periféricas como resultado de mais de três séculos de escravidão no Brasil. Assim, também, compreender a colonização de exploração, as ações premeditadas para favorecer os brancos colonizadores e a economia escravista e de monocultura.

Depois da leitura da obra (*ETNIAS SERGIPANA*) e de outros artigos sobre o tema, percebe-se normal encontrarmos, naquele período, intelectuais especialmente brancos

ocultarem, quererem negar os preconceitos raciais, entretanto o que não é normal, é a sociedade atual, em pleno século XXI, aceitar com naturalidade o absurdo que são os preconceitos raciais. No ato da publicação da obra, o mundo estava se recuperando da Segunda Guerra Mundial, um dos motivos que levou o mundo a esse confronto também foi o preconceito e o objetivo era a elevação da “raça ariana”, mas a derrota desse princípio tinha apenas cinco anos e provavelmente os ideais de alguns intelectuais ainda tivesse muito forte dentro de si mesmo.

Foram mais de trezentos anos de escravidão, com a “abolição” os governantes não tiveram nenhuma preocupação com projetos sociais que trouxessem algo para favorecer a sociedade negra do país. Estes foram expulsos para as áreas periféricas e morros das cidades e substituídos por imigrantes, os quais foram recebidos completamente diferente, projetos sociais foram colocados em cursos, para acolher os imigrantes estrangeiros.

Na obra o autor tenta desviar à atenção dos leitores, transferindo as responsabilidades das desigualdades sociais para as vítimas, assim, isentando da culpa a elite branca dominadora, que fez a colonização premeditadamente para enriquecimento do branco colonizador, mascarando o preconceito racial, culpando sempre as vítimas dessas ações malignas. É difícil de acreditar, mas o preconceito é tão absurdo que tudo que acontece de “ruim” para a sociedade é culpa do negro, até mesmo a compra de um simples par de sapatos com melhor qualidade é motivo de crítica, apesar de esse objeto ter sido adquirido com dignidade e muito suor do seu trabalho.

Até o samba que hoje é referenciado inclusive por nascer nos morros cariocas e é abraçado pelo mundo foi criticado por Felte Bezerra, denominado como música “melosa”, que retrata desacertos e acertos de casais, separações, paixões proibidas, amores impossíveis. Para ele o samba faz apologia ao amor, a casais apaixonados, dos morros e das periferias que foram onde os negros tiveram espaços e liberdade para criar a sua música. Exigir que o negro seja adepto das músicas eruditas é impossível, pois os mesmos não tiveram acesso aos instrumentos e às músicas clássicas, que eram exclusivas da elite que tinham condições de pagar as melhores escolas. Os negros ficaram à margem da sociedade, foram excluídos, só restaram para eles os guetos e os morros, por isso o samba surgiu em locais onde não precisava pedir licença. Com o samba apareceu também alguns cantores negros, dentre eles com grande destaque, no início do século XX contemporâneo ao autor, surge Lupicínio Rodrigues que começa aparecer para o cenário musical na década de 1930. Apesar das críticas de intelectuais preconceituosos o samba ganhou força e fôlego, e sem ele, talvez hoje, não



teríamos nomes como Cartola, Nelson Sargento e tantos outros. Desta forma, talvez sem ter conhecimento a respeito das críticas, Lupicínio compõem (Nervos de aço).

MUSICA:

Você sabe o que é ter um amor, meu senhor?  
Ter loucura por uma mulher  
E depois encontrar esse amor, meu senhor,  
Ao lado de um tipo qualquer.

Você sabe o que é ter um amor, meu senhor?  
E por ele quase morrer  
E depois encontrado em um braço,  
Que nem um pedaço do seu pode ser?

Há pessoas de nervos de aço  
Sem sangue nas veias e sem coração,  
Mas não sei se passando o que eu passo  
Talvez não lhes venha qualquer reação

Eu não sei o que trago no peito  
E ciúme, é despeito, amizade ou horror.  
Eu só sei que quando a vejo  
Me dá um desejo de morte ou de dor.

Mas ai, diz Cartola:

Bate outra vez  
Com esperanças o meu coração  
Pois já vai terminando o verão  
Enfim

Volto ao jardim  
Com a certeza que devo chorar  
Pois bem sei que não queres voltar

Para mim

Queixo-me às rosas

Mas que bobagem

As rosas não falam

Simplesmente as rosas exalam

O perfume que roubam de ti, ai

Devias vir

Para ver os meus olhos tristonhos

E, quem sabe, sonhavas meus sonhos

Por fim.

O samba tão criticado por intelectuais do início do século XX, cantado pelos negros é apenas um retrato da vida deles, amores e paixões proibidas e impossíveis. Isso porque depois da abolição eles foram deixados às margens da sociedade, não houve projetos que viesse a dar sustentabilidade, inclusão social; a música foi uma maneira de demonstrar a insatisfação e ao mesmo tempo colocam o amor como referência. É possível que muitos negros e negras se apaixonaram por outras pessoas e não tiveram nem oportunidade e nem direito de expressarem seus sentimentos e viram na música a única saída de tornar público os seus sonhos, dessa forma segundo CARTOLA, “queixo-me as rosas”. A música e o futebol foram as únicas maneiras de ascensão social que o negro teve para aparecer.

Na obra o autor reitera seu desconhecimento acerca de atos e de ações racista no estado de Sergipe e que são os próprios negros e pobres que se sentem inferiorizados. Todavia, o autor faz recorrentes referência aos “estoques alourados” presentes nas cidades do interior do estado, valorizando essa parte da sociedade. É negado o preconceito, mas é afirmado que em união de casamento de homem negro com a mulher branca só seria possível se o homem tivesse melhores condições sociais e financeira que a conjugue. Para o autor e para a elite da época o glamoroso era ouvir música clássica, seguir BEETOVEN, porém esquecem-se que os instrumentos musicais como piano era acessível apenas para ricos, já para compor e cantar samba não necessitava de tanta “sofisticação”.

Fazer a leitura da obra em busca de conhecimento e informações sobre como se formou a população de Sergipe é de grande importância, pois assim torna-se possível verificar que a sociedade do século XXI nada se modificou comparando-a com a do século XX. Em ambas há os que continuam negando a existência se preconceitos raciais, a hipocrisia continua

perpetuada nessa sociedade e essas ações estão cada vez mais explícita, fato que é comprovado pelas denúncias veiculadas nas redes sociais.

Outro ponto positivo do livro são as informações adquiridas sobre outras etnias tais como a Indígena, que foi completamente dizimada pelos colonizadores; os negros que fixaram moradias no Vale do Cotinguiba e no litoral sergipano, regiões das plantações de cana-de-açúcar; e do “estoque” alourado na zona oeste do estado; além de aspectos culturais como o sincretismo religioso, o folclore; Indicaria a obra para alunos de uma possível graduação em busca de conhecimento, mas por outro lado, não indicaria para adolescente do ensino fundamental e médio, uma vez que não consigo enxergar nos mesmo maturidade suficiente para discernir, separar o que deve ser ou não aproveitado da obra, pois o livro carrega uma gama de informações preconceituosas sobre os negros e sobre a importância da raça para a formação da população sergipana que para o autor é insignificante a contribuição dos mesmo para a miscigenação da “raça”.

O autor defende o branqueamento da pele da sociedade, a insatisfação do mesmo com a cor da pele é visível. É autêntica a visão negacionista sobre os preconceitos sofridos pelos negros, ele chega inclusive a responsabilizar os próprios negros pelo sentimento de inferioridade, isentando os brancos, a elite dominadora da responsabilidade, por isso e outras coisas eu não indicaria.

Felte Bezerra foi leitor assíduo das obras de Gilberto Freyre, principalmente da obra mais conhecida deste: Casa-Grande e senzala, mas não segue os ideais do sociólogo e “amigo” Freyre. O fato que torna evidente o sinal de discordância de ideias entre eles é o silêncio de Freyre em referência à obra *Etnias Sergipanas*, e isso, segundo Beatriz Gois Dantas, o magoa sensivelmente. (Dantas, 2009, p, 110). “Isso nos dar uma prova da sensibilidade de Freyre, politicamente correto, não querendo se indispor com o ‘amigo’, preferiu o silêncio.

A obra *Etnias Sergipanas* é uma boa leitura, principalmente para quem quer fazer a leitura a título de conhecimento de como se originou a sociedade sergipana. Para esse feito o livro de Bezerra é um dos caminhos a seguir, porém é preciso uma análise bem detalhada, mais criteriosa para encontramos fatos que não gostaríamos de ter encontrado, preconceitos tipicamente expostos pelo próprio autor que fez parte da elite dominadora do país. Nessa obra o escritor faz uso de diversas artimanhas na tentativa de descaracterizar ou mascarar fatos preconceituosos que foram rotineiros na sociedade da época, nas primeiras décadas do século XX.

Para a produção desta obra o autor leu várias obras, bebeu em fontes de autores também preconceituosos, do Brasil e de outros países. No fim do Século XIX e no início do século XX os preconceitos tornaram-se coisas banais, era comum ver autoridades explicando crimes através da teoria da Eugenia. Criminalizando a raça negra através da aparência física, tachando essas pessoas como supostas “criminosas” que seriam identificados como tais. Os autores da época deixaram-se influenciar pela teoria de Maudsley e Lombroso. No entanto, dentre tantos autores, felizmente, houve exceções e uma dessas foi o autor Gilberto Freire, autor de várias e importantes obras, uma delas, de grande repercussão mundial: Casa Grande e Senzala. Entretanto, Bezerra, infelizmente, não seguiu os passos de Freire, enquanto este viu e celebrou a importância da raça negra para a nossa cultura e para a miscigenação, aquele foi indiferente a esse fato e a esse pensamento.

A análise desta obra nos ajudou a identificar o intelectual sergipano que nos meados do século XX com vigor muito contribuiu para a ascensão intelectual da sociedade elitizada sergipana. Incansável para o trabalho, também foi presidente do IHGS e um dos fundadores da faculdade de filosofia de Sergipe chamada carinhosamente como FAFI. Contudo, assim como outros intelectuais da época, deixou-se influenciar por atos que hoje são denominados de preconceituosos e abomináveis.

Chegamos à conclusão que a sociedade brasileira e a sergipana por ser parte dela, indiferentemente do século estudado se XX ou XXI, no quesito preconceito e discriminação mantém-se quase inalterada, houve poucas mudanças, o Brasil continua a ser uma economia capitalista onde o capital sempre esteve nas “mãos” da elite dominadora. E é esse pequeno grupo que dita às leis e rege a economia brasileira. Enquanto não houver uma melhor e mais justa distribuição de renda; enquanto a riqueza permanecer nas mãos de poucos e perpetuar essa imensa desigualdade social, essa nação continuará sendo o país dos preconceitos, das balas perdidas. País em que o jovem negro tem até cinco vezes mais chance de ser assassinado do que o jovem branco, a nação dos desrespeitos aos pobres e aos negros, um país onde os empregos com melhores remunerações pertencem aos brancos, os negros são excluídos. País que condena ao fracasso as crianças que estudam nas periferias, que não tem o que comer, e as crianças que estudam nas escolas rurais que não tem nem água e nem banheiro. O mesmo país que garante o sucesso para os filhos das elites, os que estudam nos melhores colégios com melhores estruturas, ar condicionado, atravessam as avenidas e estão dentro dos Shoppings Center. E isto não é um tipo de divisão social? Um tipo de Apartheid?

Os pensamentos de alguns intelectuais são apenas resquícios da sociedade, da elite que sempre esteve no poder, não importa se são do século XX ou do XXI, continuam

com o mesmo objetivo, negar o óbvio, assim garantem a manutenção da sociedade vigente. A elite como senhores e os negros para servi-los. E isso parece ser natural para a grande maioria da população, que desconhece as razões que levaram a esse abismo social existente entre uma minoria rica e a grande maioria pobre. Portanto a grande contribuição desse trabalho é o esclarecimento da permanência contínua de atos discriminatórios com pessoas negras que perversamente continuam à margem da sociedade.

## REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Felte, *Etnias sergipanas*, 2ª Ed., Aracaju: Gráfica J. Andrade, 1983.
- ALVES, MAGDA, **Como escrever Teses e Monografia**. RJ; Elsevier, 2003.
- RODRIGUES, Auro de Jesus, **Metodologia Científica**. Aracaju: Unit, 2010.
- PONTA DE LANÇA, **Revista Eletrônica de História Memória & Cultura**- Vol. 4, n. 7 (out-2010-abr. 2011-São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe- Disponível em: < <http://sier.ufs.br/index.php>>. Acesso em : 12 jan. 2014
- REVISTA, **do Instituto histórico e Geográfico de Sergipe**, n, 39/2009. Aracaju: 2009. Disponível em: [ihgse.org.br/revista.Normas.asp](http://ihgse.org.br/revista/Normas.asp)>. Acesso em: 12 dez. 2014.
- REVISTA, **do Instituto histórico e Geográfico de Sergipe**, n, 23-1959. -vol. XXIII Aracaju: 1959. Disponível em: [ihgse.org.br/revista.Normas.asp](http://ihgse.org.br/revista.Normas.asp)>. Acesso em: 27 jan. 2015
- REVISTA, **Carta capital**. Disponível em: [Negrobelchior.com.br/2013/10/18/negros-sao-70-das-vitimas-de-assassinatos-no-brasil-reafirma-ipea](http://Negrobelchior.com.br/2013/10/18/negros-sao-70-das-vitimas-de-assassinatos-no-brasil-reafirma-ipea). >. Acesso em: 03 jan. 2015.
- BRASIL, Nacional desenvolvimentista (1946-1964). Disponível em [http/ www. Histedb,fe. Unicamp. br](http://www.Histedb.fe Unicamp.br)> Acesso em 23 nov.2014.
- HISTÒRIA, uma Cidade que já nasceu Capital. Disponível em: [http. www.aracaju.se.gov.br](http://www.aracaju.se.gov.br). Acesso em: 06 jan. 2015.